

Entrevistas



Luce Fabbrì

e O Caráter Ético
do Anarquismo

Entrevista

Luce Fabbri

&

O Caráter Ético do Anarquismo

Imprensa Marginal

2007

Caixa Postal 665

CEP 01059-970 SP/SP

imprensa_marginal@yahoo.com.br

*** Índice**

Apresentação
pág. 03

Entrevista: Luce Fabbri
pág. 04

O Caráter Ético do Anarquismo
pág. 20

Apresentação

O livreto que você possui em mãos agora é parte de um projeto de publicação e difusão da informação que busca tornar mais acessível à tod@s algo que atualmente se mantém apenas nas mãos daquel@s que possuem condições financeiras para pagar.

Há séculos o saber se mantém como fonte de poder. Assim, ainda dentro desta lógica, na sociedade capitalista em que hoje vivemos, onde nossas relações passam a girar em torno do consumo, a informação se torna mais um produto a ser explorado, uma mercadoria produzida em escala industrial.

Contra a informação-produto, geradora de lucros e propriedade privada de alguns poucos, buscamos a informação livre, autodata, sem fins lucrativos. Contra a informação deturpada que, às migalhas, recebemos das elites através dos jornais, revistas e televisão, buscamos a sabedoria popular, as idéias libertárias, a contestação e a opinião crítica.

Trabalhamos com a edição, tradução, pirateio e reedição de materiais anarquistas, políticos e informativos, publicados no formato de pequenos livretos que podem ser produzidos a baixos custos e, consequentemente, têm valor muito menor do que os livros que são vendidos nas livrarias. O valor cobrado por este livreto é referente aos custos de produção e cópia do mesmo, e todo o dinheiro arrecadado é inteiramente revertido na edição e produção de novos livretos e materiais, sem fins lucrativos.

Para obter mais informações sobre o projeto, outros títulos distribuídos, contribuições, idéias, críticas e contatos, escreva para caixa postal 665 CEP 01059-970 SP/SP (A/C Margi) ou para imprensa_marginal@yahoo.com.br



*** Entrevista: Luce Fabbri**

Retirada da revista Utopia nos.6 e 7, 1997 - Portugal

Conheci Luce Fabbri no mês de Agosto, do ano de 1992, quando da realização dos Outros Quinhentos sobre o pensamento libertário. Desde logo, senti que estava em presença de uma mulher com uma personalidade fora do vulgar. A sua simpatia e simplicidade são acompanhadas por uma inteligência e uma abnegação humana superiores. Durante toda a sua vida aprendeu e ensinou a viver e a lutar pelas idéias ácratas. Se

bem que tenha aprendido muito com o seu pai, Luigi Fabbri, e com Errico Malatesta, ela própria construiu o seu trajeto histórico, com uma grande autonomia e identidade, sempre no sentido da emancipação social e de gênero humano. Escreveu várias dezenas de livros, brochuras e artigos. Por outro lado, é preciso não esquecer a grande intervenção pedagógica e educacional que realizou na universidade. Ainda que por vezes a sua ação não fosse formalmente muito visível, ela, no fundo, sempre se pautou por uma opção libertária. Ainda, hoje, com 90 anos, faz parte do coletivo editorial que edita a revista Opción Libertária, no Uruguai. A revista Utopia, ao entrevistá-la, mais não fez de que testemunhar a sua gratidão por tudo o que tem feito e ainda faz pelo ideal ácrata.

Entrevista conduzida por J. M. Carvalho Ferreira.

Luce, eu tenho muito apreço por ti, por muitos motivos que têm que ver com a anarquia. E para começar, perguntar-te-ia como viveste a anarquia nos primeiros momentos, como criança, com Errico Malatesta e teu pai Luigi Fabbri.

LUCE – As duas relações são muito distintas. Com o meu pai estava todos os dias, enquanto que Malatesta vi-o pela primeira vez aos cinco anos, quando me visitou em Roma em casa da minha avó porque o meu pai estava exilado na Suíça – um primeiro exílio muito breve depois da *Semana Vermelha* que foi um movimento de tipo revolucionário, muito reduzido, uma tentativa abortada que teve lugar em 1914. Depois, ele estava exilado em Londres e voltamo-nos a ver em 1919 quando se rompeu o cerco que o tinha afastado de Itália. Chegou num barco mercante ao Sul de Itália e percorreu toda a península e apareceu em Gênova, aclamado pela multidão como um líder revolucionário (ele tinha que se defender deste papel de direção que lhe queriam atribuir). Nesta altura tinha 11 anos. Depois encontrávamo-nos frequentemente ainda que não morássemos na mesma cidade. Mas quando ele se sentia muito cansado – dirigia um diário, o *Umanità Nova*, primeiro em Milão e depois em Roma – vinha a casa passar conosco uns dias para descansar. Para nós era como um avô.

Em 1919 e 1920, na tomada das fábricas, os anarquistas tiveram um papel muito importante. Qual foi o papel de Malatesta e do teu pai em todo este processo?

O papel do meu pai não foi importante na ocupação das fábricas porque na cidade onde vivíamos não havia praticamente indústria – Bolonha não era uma cidade industrial. Essa foi, porém, a última oportunidade revolucionária. Ele desejava como todo seu coração que os trabalhadores não deixassem as fábricas. Mesmo assim, ele contribuiu com os seus artigos, enquanto que Malatesta em Roma foi às fábricas – não me recordo se em Roma ou Milão, neste momento, parece-me que foi em Milão – para pessoalmente tratar de que o movimento prosseguisse. O movimento havia sido interrompido pelos reformistas. A central sindical majoritária era socialista (marxista), não era socialista revolucionária. Havia, portanto, divisões no partido socialista: haviam os *maximalistas* (revolucionários) e os *“legalistas”*. O meu pai, nessa altura, já estava

muito pessimista. Pensava que o momento revolucionário tinha passado e, claro, desejava aproveitar esta última oportunidade, mas não acreditava muito num desfecho favorável.

E como foi que chegaste às idéias e às práticas da acracia?

Nesta altura eu tinha relações com a anarquia, mas não eram relações profundas. O meu pai achava que as crianças não deviam ser pressionadas, devem amadurecer e formar-se segundo a sua própria lei e não segundo a lei dos pais. Então quando eu dizia “Eu sou anarquista”, ele dizia-me “Espera, não está certo que tu digas isso. Tens que amadurecer, ver bem, não tens que pensar com a minha cabeça, tens que pensar com a tua”. Porque eu desejava pensar como o meu pai. Aos vinte, vinte e um anos já estava... não direi bastante madura, mas já não tinha treze anos e creio que já podia considerar-me anarquista. Apesar de tudo, o meu pai nunca quis que fosse com ele às reuniões, quando ele falava em público. Mas sempre o acompanhava, ia sempre com ele ao correio, ao...

Eras a única filha?

Não, tinha um irmão mais novo. Quando amadureceu também foi companheiro, e atuou, militou...

Vejo que a influência da tua família, do teu pai sobretudo, foi importante. Que outras coisas mais envolviam a Itália de então, sobretudo desde que Mussolini tomou o poder em 1922?

Depois as coisas precipitaram-se. O meu pai foi preso duas vezes. Mas já antes de 22, porque em Bolonha foi um dos pontos onde se lutou, foi quase o berço do fascismo de ação, dos bandos, dos esquadrões “punitivos”, da violência... Depois de 1922, claro, as coisas foram de mal a pior. Ainda que o regime não tivesse sido imediatamente totalitário, nos primeiros tempos puderam continuar a sair algumas publicações nossas: *Piensero Volontá* fundou-se em 1924 e pouco tempo depois foi suspensa.

E Umanitá Nova continuava como diário?

Umanitá Nova não. Cessou como diário depois do atentado de mil novecentos e vinte e tal. Já não me lembro da data. Foi um atentado horrível. Malatesta estava preso – tu não sabes disto?...

Não.

Estava em greve de fome porque não o processavam. Não o podiam processar porque não podiam condená-lo. Mas não o libertavam porque queriam matar a *Umanitá Nova*. E a situação prolongava-se, Malatesta estava mal... *Umanitá Nova* continuava a sair na mesma, com o trabalho realizado por outros companheiros, e saiu de forma irregular até “Malatesta morrer”. Então um grupo de individualistas, rapazes muito jovens, colocaram uma bomba de grande potência num teatro onde se dizia que iria estar o chefe da polícia de Milão. Não estava. Morreram 20 a 25 pessoas, uma matança imensa. Até a filha de um companheiro morreu.

Isso quando é que aconteceu?

Em Março de 1921, creio. Esse foi um golpe tremendo para o movimento anarquista que se tinha desenvolvido bastante e agora reduzia-se muitíssimo, porque as pessoas estavam indignadíssimas, e haviam muitos companheiros que também estavam indignados contra quem tinha levado a cabo aquilo.

Depois Mussolini marchou sobre Roma, e tomou o poder...

O meu pai era professor de escola primária, tendo continuado a ensinar durante mais quatro anos. Em 1926 veio a obrigação para os professores primários – não para os do secundário ou da universidade – de jurar fidelidade ao regime, à qual ele se negou. Teve que cruzar a fronteira para França. E, então, a família separou-se. O meu irmão foi para Roma trabalhar, a minha mãe foi também para Roma após a morte da minha avó e eu fiquei só em Bolonha durante dois anos. E foram dois anos nos quais creio que amadureci muito, mas foram muito penosos longe da família...

E depois ainda voltaste a ver Malatesta neste período?

Não podíamos vê-lo porque depois de 1926 – desapareceu *Pienserò Volontá*, assim como toda a imprensa – Malatesta vivia em Roma e a sua casa era como uma fortaleza, rodeada de agentes de polícia, e quando saía seguiam-no de moto ou a pé, e quem o cumprimentasse era detido. Estava pior do que na prisão, porque na prisão, pelo menos, podia conversar com alguém. A última vez que vi Malatesta foi alguns anos antes de cruzar a fronteira, em Roma no consultório

do seu médico, durante um quarto de hora, enquanto que a polícia aguardava lá fora.

Depois foste para França e emigraste para o Uruguai com o teu pai...

E com a minha mãe. O meu irmão ficou em Roma onde se casou. Voltei a vê-lo depois da Guerra. O meu pai não o voltou a ver. Em Dezembro cruzei a fronteira e cheguei a Paris em 2 de Janeiro de 1929.

Mas depois ficaste muito tempo em Paris ou partiste em seguida para o Uruguai?

Não, o meu pai estava para ser expulso da França por pressão da embaixada italiana. Então ele tinha que renovar, de quinze em quinze dias, a autorização para ficar - porque havia um ministro socialista que facilitava o processo. Mas, uma noite, ele tinha a autorização assinada pelo Ministro do Interior que lhe permitia ficar mais quinze dias e veio a polícia ao hotel, levaram-no até à fronteira da Bélgica e ensinaram-lhe como deveria passar clandestinamente para “não ser apanhado pela polícia belga pois poderia ser enviado de novo para cá e nós teremos que o prender”. Conseguiu chegar a Bruxelas e ali começou a preocupar-se com a viagem para a América do Sul. Pouco tempo depois reunimo-nos com ele em Antuérpia e embarcamos num barquinho de marinha mercante - porque nenhum barco grande nos aceitaria sem passaporte -, e viemos até o Uruguai.

No Uruguai, o teu pai, tu e tua mãe reconverteram toda a vossa vida. E depois o teu pai, sobretudo, militou na FORA da Argentina na revista *Protesta*, ou no Uruguai?

Na revista *Protesta*. O meu pai já trabalhava para a *Protesta* a partir da Europa, e nos últimos tempos havia intensificado muito o seu trabalho. Era um diário. Podia manter uma redação e, por exceção, o meu pai vivia praticamente disso nos últimos tempos de desterro na Europa. E, inicialmente, aqui também. A sua base econômica foi o jornalismo, sobretudo na *Protesta*. Mas, em geral, quando ele escrevia para publicações libertárias, não cobrava nada. Tinha o seu trabalho de professor e organizou a sua vida, de forma que o seu trabalho para o movimento fosse completamente independente dos recursos

materiais para a vida prática. Mas, nessa fase transitória, ele teve que aceitar a retribuição da *Protesta*. Mas durou muito pouco, porque em 6 de Setembro de 1930, um golpe militar terminou com o governo democrático e com a imprensa de esquerda. Então o jornal *Protesta* foi encerrado. Aprenderam todos os livros – tinham uma magnífica biblioteca -, creio que destruíram a tipografia, enfim... terminou. Na realidade, o nosso movimento na Argentina, antes do golpe militar, era, digamos, um movimento florescente e terminou então a etapa, digamos, positiva da sua vida. Depois o anarquismo na Argentina viveu sempre uma vida muito desafortunada. O movimento estava dividido, era um movimento paralelo ao movimento argentino. Tu sabes que na Argentina havia a FORA e a USA. A USA era a *União Sindical Argentina* que se formou de uma cisão da FORA para aderir à 3ª Internacional...

... Comunista?

Não que fossem comunistas... também não eram anarquistas, mas queriam solidarizar-se com a Revolução Russa... sobretudo por falta de informação. Aqui tínhamos a FORU (*Federación Obrera Regional Uruguiaia*) e a USU (*União Sindical Uruguiaia*). Os ânimos tinham sido envenenados por polémicas absurdas, mas a cisão estava superada porque haviam companheiros da USU que se haviam convencido que já não estavam na 3ª Internacional e se haviam convencido que não podiam aderir à linha bolchevique, que havia um abismo... e, então, já estavam no mesmo plano que nós.

Em que ano é que eles compreenderam a situação que se passava na União Soviética?

Quando chegamos aqui, em Março de 1929, já fazia algum tempo que eles tinham compreendido... são coisas difíceis de datar.

Mas a ditadura na Argentina desestruturou o movimento anarquista. E no Uruguai?

Também, mas reconstituiu-se. Aqui tínhamos a vantagem de que este era um país mais democrático do que a Argentina, muito mais aberto. Movimentávamo-nos muito melhor, tanto que Santillan queria que fôssemos para a Argentina, mas nós ficamos no Uruguai. Mas aqui também, após quatro anos, veio a ditadura. Contudo, foi

uma ditadura... chamávamos-lhe *ditabranda*. Não houve grandes desastres, mas para o meu pai foi duro. E também para todos nós, porque houve algumas deportações;

Quando começou e acabou a colaboração de teu pai no jornal *Protesta*?

Começou quase a seguir à chegada do meu pai. Ele encetou com uma página italiana na *Protesta*, quinzenalmente. E depois iniciou uma revista em formato de jornal que se publicava na tipografia da *Protesta* e se distribuía a partir da Argentina. Mas, com o golpe de estado, não se pode permanecer lá e, então, continuou cá. Foram 3 ou 4 números que saíram na Argentina e depois sempre cá, e publicou-a até a morte, quando entrou no hospital – donde não saiu vivo...

Em que ano foi?

Em 1935. Foi muito breve, de 1929 a 1935, não chegaram a ser 6 anos.

Depois a morte do teu pai, como é que te integraste no movimento?

Eu já estava integrada porque comecei a militar ao chegar aqui, por minha conta. Fiz parte das *Juventudes Libertárias*, havia um centro cultural/liceu noturno que era de jovens anarquistas, e eu frequentava-o. Com o meu pai participei num congresso antimilitarista organizado por comunistas, que terminou com a nossa saída clamorosa, e depois terminou em conflito... Já era uma militante, tinha 20 anos quando cheguei aos 25, foi quando ele morreu. Assim segui com a revista.

Continuaste com a revista do teu pai?

Sim, mas não pude fazê-la sair regularmente porque tinha o meu trabalho de docente que me consumia todo o tempo. Nos primeiros anos tinha que preparar as aulas do ponto de vista do idioma para que não se me escapassem italianismos.

Casaste-te?

Sim, com um companheiro.

Em que ano?

Em 1936. Com um italiano chamado Cresatti que também havia

saído da Itália por causa do fascismo.

E tu fazias a revista *Estudios Sociali* com ele?

Ele ajudava-me muito. Sobretudo na parte material. Nunca quis escrever. Já o meu pai, nos últimos dois anos, estava quase só na revista. E eu fiquei praticamente só com o meu companheiro e a minha mãe. A minha mãe ajudava muito, fazia toda a expedição, escrevia à mão todas as direções, tinha uma letra claríssima... Porque quase não se difundia aqui, mas sobretudo nos Estados Unidos e na França.

Para os emigrantes italianos?

Sim, sobretudo na emigração política antifascista. E isso ajudava-nos também: quando nos chegavam dólares já podia sair a revista!

A principal causa que está por detrás do fim da revista *Estudios Sociali* em 1945 é a falta de colaborações ou a falta de companheiros?

Não, era um grande esforço para mim, e eu pensava que a revista era necessária na imigração antifascista italiana. Mas quando o fascismo caiu e começaram a sair publicações nossas na Itália, eu pensava que já havia perdido a sua razão de ser. E, então, fui fazendo um folheto por ano. Saíram cinco folhetos. E depois enviava colaborações a *Volontá...*

Depois da queda do fascismo retornaste a colaboração com as publicações anarquistas na Itália?

Em Itália e aqui. Dediquei-me um pouco mais ao movimento daqui.

Recordaste de alguns dos temas que publicaste nas brochuras?

Sim, “La Libertad em la Crisis Revolucionaria”, “Anti-imperialismo e Anti-comunismo y la Paz” (que foi publicado na Itália e depois traduzido na Argentina sob o regime de Perón numa edição clandestina que se difundiu bastante), e depois “La Estrada, El Camino”, que, para mim, foi muito importante do ponto de vista das minhas idéias, da evolução das minhas idéias, onde sustento que é mais importante o caminho – até a anarquia -, do que a meta – porque à meta não se chega nunca e, em contrapartida, o caminho é

o concreto. É muito importante que o caminho se torne coerente com a finalidade pois é a única coisa palpável que temos. Se abandonamos os princípios como forma de chegar mais rápido à meta, suicidamo-nos.

Depois da Segunda Guerra Mundial a situação aqui pela América Latina descomprimiu, a liberdade era mais visível, e tiveram outras possibilidades de agir, de se movimentarem?

Aqui o movimento – que foi muito florescente no início do século -, depois da Revolução Russa decaiu muito, como em toda a parte. Quando chegamos, como te disse, havia aquela divisão que depois haveria de ser superada. Após a morte de meu pai, pouco tempo depois deu-se a Revolução Espanhola, que nos deu ânimo a todos. Aqui trabalhamos, fizemos o que pudemos – enviei umas linhas a Santillán dizendo “Diz-nos como podemos ajudar”. Ele respondeu-me, numa carta com o timbre da *Generalitat de Catalunya*: “É muito simples. Vai partir um barco nosso (a tripulação é da CNT) e vocês mandem-no de volta carregado de trigo”. Tentamos depois realizar uma grande coleta pública, mas eram tantas as complicações, que tivemos que fazer intervir um despachante aduaneiro... e o barco chegou. Foi “recebido” por barcos argentinos, apoderaram-se do barco, a tripulação foi encarcerada na ilha Martin Garcia (para onde mandavam os presos) e o barco ficou arrestado no porto de Buenos Aires à espera que fosse solucionada a contenda... (risos). Em contrapartida, fazíamos coisas bem mais modestas: recolhíamos vestuário de lã para as milícias que estavam na frente, conseguimos medicamentos, etc. Quando fomos a enviar tudo isso – havia que recolher dinheiro para o transporte -, a tripulação de um barco francês ofereceu-se para levar o material gratuitamente e, assim, o fez chegar a Barcelona... entregando-o ao Partido Comunista! (risos) Fiz um pequeno periódico juntamente com outro companheiro, publiquei uma antologia da Revolução Espanhola, já em 1937, com recortes do boletim da CNT-FAI, com todas as realizações em Aragão, etc.

Qual foi a vossa posição quando souberam que alguns dos militantes colaboraram, como ministros, com o governo central e a nível da *Generalitat de Catalunya*?

Aqui as posições foram muito variadas: havia quem considerasse uma traição, havia quem achasse que não havia outro remédio... Eu posso dizer-te a minha posição, que foi publicada por Giovanna Berneri junto com Santillán. Foi uma grande desgraça para o movimento, foi completamente negativo. Porém, nós não deixamos de desempenhar o nosso papel de assegurar-lhes o apoio dos trabalhadores do resto do mundo. Não podemos julgá-los... e, às vezes, faz-se o que não se quer fazer, por razões de força maior. Depois vim a saber: a razão fundamental era a de que a guerra estava perdida, havia bolsas de companheiros que estavam no Sul e que se os deixássemos sob o comando dos comunistas estavam perdidos, acabavam nas mãos de Franco. Havia que assegurar-lhes a retirada para os portos do Levante - esta foi uma das razões principais.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos exilados espanhóis instalaram-se em França, no México... mantiveste contato com Garcia Oliver, Federica Montseny, etc.?

Não, apenas mantive contato com Santillán, que veio aqui depois.

Ele, no fim da sua vida, tomou umas posições um pouco reformistas, não?

Santillán era uma pessoa muito inteligente, tinha relâmpagos de idéias novas, mas entusiasmava-se com as idéias novas antes de as ponderar bem. E, às vezes, tomava posições das quais depois se arrependia, e voltava atrás. Tenho a impressão de que ele estava sempre acochado pela necessidade que a revista saísse, de que o livro saísse, de tomar iniciativas. Na altura a realidade em mutação fazia-o raciocinar e... tinha posições sobre as quais não refletia suficientemente. Esse era o defeito de Santillán: tinha muitas virtudes, foi um excelente companheiro, abnegado, generoso, viveu para o Anarquismo - dedicou toda a sua vida a isso -, mas precipitava-se demasiado. Agora, nas seções da CNT parece-me que tinha mais simpatias, não pelos ortodoxos, mas pelos outros, pela ala mais reformista.

Voltemos ao Uruguai. Dizes que o movimento, após 1949, renasceu. Como integraste esse movimento e quais eram as suas

características?

Nesse período não militei intensamente. De vez em quando, intervinha nas *Juventudes Libertárias* e colaborava na *Volontad*. Tive uma militância meio repartida entre o movimento daqui e o internacional. Mas, à exceção da revista, não foi muito intensa. O ensino absorveu-me muito. O trabalho no ensino foi uma espécie de militância paralela em grau menor, porque teve que ser feito um trabalho pedagógico muito intenso – a preparação de reformas, o sistema -, em que tinha que bater-me, às vezes, com os conservadores, outras vezes com os comunistas que queriam impor um ensino dogmático marxista. Nesse terreno trabalhei, por exemplo, quando se tratou da reforma de 63 no ensino secundário. Fez-se um relatório sobre o estado socio-econômico do Uruguai do ponto de vista do ensino. Nisso trabalhei muito.

Mas, mesmo estando afastada, não foi nos anos 50 que nasceu a FAU?

Sim, eu intervim na fundação da FAU. Parece-me ter sido mais no início dos anos 60. O meu irmão trabalhou muito nisso. Foi um trabalho lindo, gostei muito de como se estruturou. Depois vieram as cisões...

Que cisões foram essas, podes precisar?

Cisões acerca da natureza do regime comunista implantado em Cuba. Como a FAU era anarquista, foi algo de muito doloroso. Por via dessa cisão, fundamos a Aliança Libertária Uruguaia mais ou menos em 1960 ou 1961. Foi quando Castro se declarou marxista-leninista.

Mas tinha muita importância o Movimento Operário na FAU?

Sim, tinha. Dávamos muita importância ao movimento sindical, muito mais a este que a outros, o que era uma situação complicada. O meu pai não concordava muito com o ambiente sindical que existia. Ele queria um sindicalismo anarquista. Quando o meu pai aqui chegou, eram em número muito reduzido os que assim pensavam. Mas depois esse número foi aumentando. Desejávamos um sindicalismo único, e fizemos bastante propaganda nesse sentido, porque pensávamos que se houvesse um sindicato por cada

tendência ideológica, então ninguém conseguiria defender os interesses dos trabalhadores.

Deu-se então a cisão e tu e alguns companheiros fundaram as revistas *Volontad* e a *Opción Libertaria* não foi?

A *Opción Libertaria* surge depois da ditadura, em 1976. A Argentina com Peron viveu períodos de semi-ditadura. Aliás, a Argentina viveu sempre entre uma ditadura militar e outra. Nós, no Uruguai, pensamos associar-nos aos refugiados argentinos. O movimento inseriu alguns refugiados argentinos no movimento anarquista durante a ditadura de 1973. A Argentina teve várias ditaduras militares nesse período. O Uruguai é um país muito original, muito particular, porque permitiu sempre governos ideologicamente distintos. Mas teve sempre uma tradição no que respeita ao pensamento. Admite pensamentos muito variados. A ideia de que cada um pode pensar o que quiser está muito enraizada. Eu, neste aspecto, estou muito otimista quase pareço, neste sentido, nacionalista.

A publicação da *Opción Libertaria* perdura até aos dias de hoje não é verdade?

Sim é verdade. Está mesmo para sair um número que se quiseres podes adquiri-lo.

Colaboram muitos companheiros na realização da revista?

Sim, eu, o Beto (o companheiro da Débora) e começam também a aparecer no local muito jovens.

Que local é esse?

De manhã, juntamo-nos em assembléia num local a que designamos ESPAÇO A. É um espaço de jovens anarquistas, jovens que freqüentam sobre tudo o ensino secundário. A pouco e pouco tem surgido um fenómeno interessante, que espero que se repita noutros lados também. O aparecimento de jovens é crescente. Após a ditadura eu ensinei na Universidade.

Agora tens 89 anos, e ensinaste na Universidade até aos 84 anos?

Sim. Após a ditadura, logo no primeiro ano, os jovens mostraram-se

muito eufóricos. Depois, a pouco e pouco, veio o desalento, desalento este que foi crescendo no meio universitário. O movimento socialista real foi, em simultâneo, uma surpresa e uma desilusão muito grande para eles. Notou-se uma decepção espantosa, que levou a uma desorientação intensa em detrimento da idéia socialista. Apesar de surgirem muitas críticas, a desilusão adveio da verificação da não concretização do socialismo. O nível de ensino degradou-se bastante (antes era muito bom, melhor que o da Argentina). Os nossos jovens, com a ditadura, viveram 12 anos de obscurantismo. Desde 1985 até 1991, cada ano era pior que o outro. Os jovens perguntam-se então: para quê estudar? Vamos viver a nossa vida agora. Os concertos de jovens tinham desaparecido. As associações estudantis universitárias tinham muito pouca gente. O ano passado anunciou-se uma reforma universitária. Os jovens estão apreensivos. Como não há critérios não capitalistas, é preciso consultar os professores, sobre a reforma vocacional. Os jovens dos liceus levantaram-se em massa, insurgiram-se, ocuparam edifícios, pintando-os alegremente (azul e outras cores) porque estavam muito degradados. Foi um movimento muito engraçado e espontâneo. E o mais interessante é que eram jovens de 14, 15 anos. É espantoso! As autoridades aparecem e perguntam com quem podem falar, ou que querem falar com o presidente do grupo ou daquela associação. Eles dizem que são todos iguais naquela comunidade. É espantoso ver que estes jovens protestaram porque não foram ouvidos na reforma do ensino. Este movimento dá-me muita esperança. A juventude universitária começa a ter outro espírito.

Sabes se alguns deles têm tendências anarquistas?

Embora não saibam muito bem o que é a anarquia, eles dizem-se, contudo, anarquistas.

Que tipo de acontecimentos é que eles promovem?

Fazem algumas publicações, debates, mesas redondas. Organizaram há pouco tempo um encontro onde se debateram vários problemas e pediram-me que dissesse algo sobre a Ética Anarquista.

Pensas publicar esse livro em breve?

Não sei se vamos conseguir. Já publicamos a Opción Libertaria.

Que pensas da crise neoliberal capitalista, a nível mundial?

Face ao que foi e é hoje o anarquismo, que pensas sobre o seu papel no futuro?

O anarquismo pode vir a desempenhar um papel muito importante. Não estou muito otimista face ao futuro mas, antes, pessimista. É difícil evitar que aconteça uma crise mundial em grande escala, porque vai ser a crise do capitalismo. Vai ser inevitável essa crise, e chamem-lhe o que quiserem (fim do lucro, incompetência do mercado ou do socialismo). O que é um fato é que se os desempregados não compram, os robôs não compram, e se a tecnologia só serve para baratear o custo da mão - de -obra, então, os ricos deixarão de ter mercado (serão muito poucos os que podem comprar os seus produtos). Iremos ter uma sociedade de novos ricos e maquinaria. Veremos cada vez mais os novos ricos fechados em fortalezas, com medo dos outros. Se sobrevivermos à contaminação dos resíduos atômicos e tantos outros perigos que nos ameaçam, então a nossa única salvação será, como em todas as grandes catástrofes, a solidariedade, porque quando surge uma crise, aparece muita coisa feia e muita coisa boa. Ela será necessária na crise limite que vamos enfrentar. A única réstea solidária estará no socialismo libertário que, no futuro poderá desempenhar um grande papel. O socialismo autoritário ou democrático fracassou. Veja-se, por exemplo, González em Espanha, Mitterrand em França. Quando estes chegam ao poder, o socialismo vira capitalismo. Aqui, os socialistas desviaram-se para convencer os investidores. Aqui se têm neoliberais. Começo a pensar que o grande papel do anarquismo está no futuro.

Tendo presente a tua visão atual e olhando todos os teóricos que leste, quais são, segundo a tua opinião, os que têm hoje mais atualidade?

Mira, que foi um escritor anterior à Segunda Guerra Mundial e à bomba atômica. É muito atual e foi contemporâneo de meu pai. O anarquismo é a única tendência do socialismo que tem sobrevivido. O socialismo tem variado de linguagens, era antes o ideal da massa trabalhadora. Mas esta está a desaparecer. Agora temos homens e mulheres. O sentido de militância tem mudado. Neste momento temos que nos preocupar mais com os desempregados. Os que

trabalham estão sendo pressionados, há um posto que querem muito preservar. Não ficaria pessimista para o longo prazo se conseguíssemos passar para o outro lado da crise. Se os nossos autores são convincentes é no ideal, é nos princípios, é nas suas propostas.

Queres acrescentar algo mais?

Os mais convincentes são os que menos têm falado das mudanças repentinas, os que mais se têm ocupado de coisas práticas. Há um trabalho sobre auto-experimentação de meu pai – que considero muito atual – sobre a Segunda Guerra Mundial e suas conseqüências. Há que insistir neste caminho. Há que reforçar o movimento cooperativo. Encará-lo de outra forma enquanto trabalho de equipa. Temos trabalhado nesse sentido. Fundamos minicooperativas para habitação e para consumo e estão neste momento a funcionar muito bem. Temos de continuar a trabalhar no aprofundamento destes sistemas sociais, experimentando sistemas paralelos que possam resultar (ou não), mas sempre aprendendo com eles.

Quando e onde nasceste?

Nasci a 25 de Junho de 1908 em Roma.

A tua mãe esteve perto de ti muito tempo, tendo vivido e trabalhado contigo não foi? Até quando?

Até 1972.

E o teu irmão?

Após a Segunda Guerra Mundial, veio para aqui trabalhar comigo. Morreu há 3 anos.

E o teu companheiro?

Morreu em 1970.

Tens mais família?

Sim. Estão na Patagônia. Tenho netos e em breve terei um bisneto. A minha neta mais velha está próxima dos ideais anarquistas, mas é mais pessimista que eu. Tem uma posição derrotista.

Muito obrigado pela entrevista que nos concedeste e espero que façamos um bom trabalho a partir das tuas declarações.

Até à vista, Luce Fabbri!

Muita saúde e anarquia.

Nota d@s editor@s – Luce Fabbri tinha 94 anos quando faleceu, em 19 de agosto de 2000, em Montevideú.

Caráter ético do anarquismo

*Retirado da revista Opción Libertária 27 – junho de 1997 – Uruguai
Tradução por Imprensa Marginal*

A ética não é um tema muito cômodo. Parece obsoleto e é tratado sempre com certo pudor. Durante todo o século XX, por reação contra a retórica moralista anterior, se o mencionou muito pouco. O positivismo se baseava na ciência e as leis científicas têm muito pouco a ver com a ética. E certo individualismo, muito popularizado pela literatura, exaltava o eu acima do bem e do mal. O materialismo histórico, baseando o socialismo na dialética da história, não necessitava para nada da ética, ainda que a maior parte de seus seguidores lutassem movidos pela indignação provocada pela injustiça social (ou seja, por um motivo ético) mais que pela leitura do Capital.

Com tudo isto, os anarquistas, que não invocavam mais que a justiça, e ainda o amor como fundamento de sua proposta, eram facilmente ridicularizados. E eles mesmos, por sugestão natural, há tempos não falavam do tema.

E, entretanto, ninguém pode prescindir da ética: a vida seria impossível se, no cotidiano, não julgássemos continuamente nossos atos e os alheios com um critério ético, por mais que muitas vezes o violemos.

Quando pensamos em novas formas de convivência, instintivamente nos remetemos ao que acreditamos que seja bom para todos e não apenas para nós ou, pelo menos, quando fazemos, neste terreno, uma proposta, a apresentamos conforme o que é “justo”.

É uma idéia corrente, que se faz remontar falsamente a Maquiavel, a de que a ética não se pode aplicar à política. Há, no fundo desta afirmação, ao lado de obscuros interesses que se movem no subconsciente da história, um problema de ambigüidade semântica na palavra “política”.

Se entendemos por ela a arte de chegar ao poder e governar, a

afirmação é correta e a referência a Maquiavel também. O poder, que se conquista com a força, com os votos ou, simplesmente, amontoando riquezas (pois há distintas classes de poder) se conserva fundamentalmente pela força (exército e polícia), ainda que nos regimes mais democráticos, a força esteja mais disfarçada e a base social tenha maiores possibilidades de controlar e uma limitada capacidade de iniciativa. Neste âmbito os partidos, organizados para chegar ao governo, não podem obedecer a normas morais de convivência (não mentir, não dar nem aceitar suborno, manter o prometido, ajustar a atividade ao programa, etc.), porque, se o fizessem, fracassariam. Por exemplo: conseguir uma maioria de votos custa muito dinheiro, ainda que não se pense em comprar sufrágios materialmente. A propaganda eleitoral exige somas que as contribuições dos partidários não chegam nunca a cobrir. E há dinheiro fácil, a disposição dos partidos nos momentos decisivos, quando se está disposto a fazer qualquer coisa para ganhar. Basta prometer, em caso de chegar ao governo, privilégios especiais aos generosos financiadores; a tentação é forte. Além disso, o partido contrário, se pensa, certamente está fazendo o mesmo e, naturalmente, seria muito ruim, para o país, que ganhasse.

O fim justifica os meios – se diz – e o fim é bom: está no programa do partido. Mas este programa, se é realmente bom para as grandes maiorias, logo após a vitória, não se realiza, nem se fazem esforços para que se realize, porque o interesse e a segurança do estado o impedem. Se se busca uma maior justiça social, se corre o segundo risco de espantar as inversões de capital estrangeiro que o “país” necessita. Se se ampliam as liberdades e as garantias democráticas, se pode irritar ao vizinho poderoso cuja política se orienta em sentido contrário ou às correntes internas de direita, que são minoritárias, mas têm força material e dinheiro frente as quais pode ocorrer que o governo seja demasiado frágil. E assim acontece que recursos que poderiam empregar-se em educação e saúde vão engrossar o pressuposto militar. O poder em si, além disso, está oposto à ética e a dignidade de cada ser humano, pois estabelece uma injusta superioridade de um sobre outro, superioridade que, seja qual tenha sido sua origem, se mantém não em base em maior conhecimento ou a melhor critério, mas graças a um aparato coercivo.

Mas, se entendemos por política a arte de conviver, de assegurar a continuidade da vida social, então podemos dizer que a política se identifica com a ética, na medida em que busca o livre consenso entre indivíduos e grupos, todos diferentes, mas todos com iguais direitos e deveres, ou seja, na medida em que não se converta em um sistema de poder. Nossa política é ética, pois a proposta libertária é simples e não é mais que o que o ser humano tem desde sempre como modelo ideal: todos distintos, mas com iguais deveres e direitos, e todos irmãos; a ajuda mútua como metodologia de convivência.

O anarquismo não é um partido no sentido tradicional do termo, não é apenas um movimento organizado que, nesta segunda acepção da palavra, pode ser definido como político, mas que é também uma visão geral da vida, a busca de um modo de vida. E, como tal, sempre teve um fundamento ético, que o distinguiu das demais tendências dentro do campo socialista (me refiro ao anarquismo socialista, herdeiro do internacionalismo operário anti-autoritário do século passado, e não ao anarquismo individualista dos seguidores de Stirner que, ao meu modo de ver, é algo muito diferente).

A exigência que sempre sentiram os anarquistas de que a política, entendida como sistema de convivência, obedeça a critérios éticos (que é a exigência instintiva e permanente da grande maioria), agora aparece como inédita – se queremos evitar o perigo da lei da selva – também para os muitos que, sedentos de justiça, lutam como nós, por uma mudança profunda e que, por longo tempo, em sua maioria, tem seguido doutrinas que, em nome do realismo científico, prometiam a justiça em troca da renúncia – que se pretendia transitória – à liberdade. E a liberdade é fundamento mesmo de toda ética social, porque é a condição necessária da responsabilidade.

Luce Fabbri